

SUÍTE SOBRE O TEMPO: MEMORIAL DA OBRA TUM

PATRICK TEDESCO¹; HELENE GOMES SACCO²;

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – patricktedesco@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O artigo apresenta um memorial de produção para a construção da série de trabalhos intitulada *Suíte sobre o Tempo*, composta até o presente momento por três obras que foram apresentadas na exposição/laboratório *Dobradiça*, coletiva realizada entre 04 e 19 de agosto de 2025, na Galeria A Sala - Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A exposição apresentou os resultados práticos da disciplina Seminário Avançado de Pesquisas em Processos de Criação e suas Interlocações Teórico-Práticas¹, do Programa de Doutorado em Artes da UFPEL.

As obras que compõem a *Suíte sobre o Tempo* são: (1) *Pássaros Mecânicos do Tempo* (Patrick Tedesco, 2025. Materiais e técnicas: relógios de parede com alto-falantes); (2) *Tum: Dimensionável nº1* (Patrick Tedesco e Luciano Mello, 2025. Materiais e técnicas: *spoken word and poetry*, escultura sonora 3D, madeira); (3) *ASMR – Sons em Camadas / Layered Sounds #18* (Patrick Tedesco, 2025. Vídeo digital, áudio binaural, 14 '03 ").

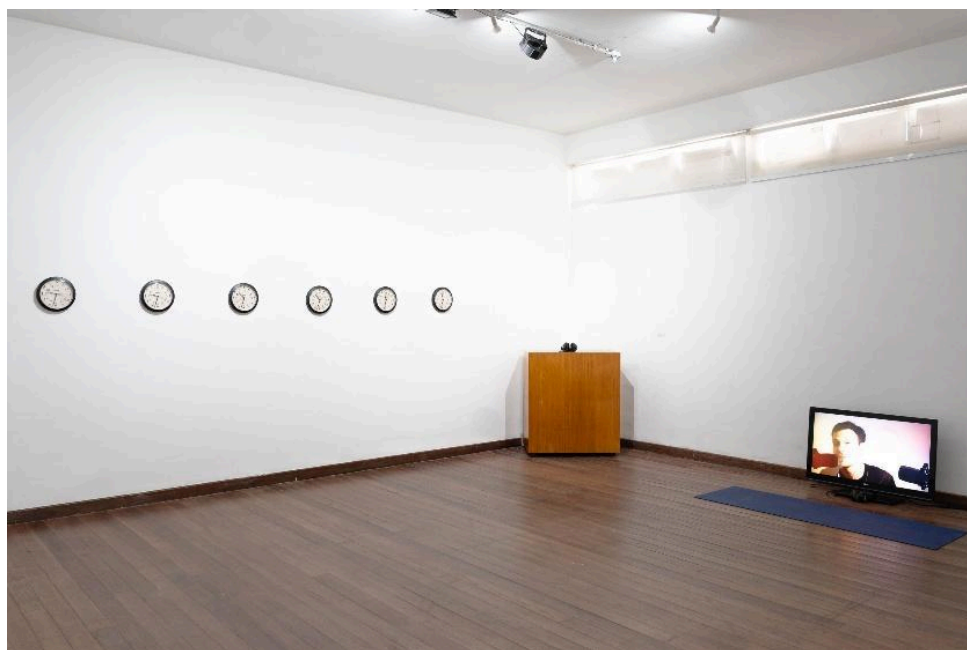


Imagem 01: registro da exposição “Dobradiça” (galeria A Sala). Da esquerda para a direita, vemos as obras: *Pássaros Mecânicos do Tempo* (Patrick Tedesco, 2025), *Tum* (Patrick Tedesco e Luciano Mello, 2025) e *ASMR em Camadas* (Patrick Tedesco, 2020). Registro do autor.

¹ Disciplina sob responsabilidade dos professores-artistas: Helene Gomes Sacco, Martha Gomes de Freitas, Lauer Alves Nunes dos Santos e Kelly Wendt.

Para fins de delimitação, o artigo centra-se na descrição dos caminhos e descobertas percorridos para a produção da obra *Tum* - de Patrick Tedesco e Luciano Mello, 2025 - sem desconsiderar, entretanto, o contexto expositivo e o projeto de pesquisa do qual ela faz parte. Trata-se dos primeiros resultados do projeto de doutorado intitulado *Imagens Transitórias: por uma produção em Artes Visuais sob a ótica da temporariedade*, que parte da proposição de Rosalind Krauss segundo a qual, mesmo em uma arte espacial, “não é possível separar espaço e tempo para fins de análise” (KRAUSS, 2001). De forma interdisciplinar, adotou-se o conceito de *suíte* — tomado da música e da dança, onde designa um conjunto de partes autônomas que se articulam em unidade — para planejar obras distintas, mas em diálogo, orbitando em torno de um mesmo eixo conceitual: que lugar a temporariedade ocupa nos processos de criação? E de que forma ela é operada pelos artistas para a produção de diferentes significados?

2. METODOLOGIA

A produção da obra *Tum* desenvolveu-se durante a disciplina de Doutorado coordenada pela professora Helene Gomes Sacco. Ao longo do semestre, entre outras referências, foram importantes as recomendações metodológicas de Sandra Rey (REY, 2012) para pesquisa em Artes Visuais, além da compreensão sobre métodos autobiográficos e autobiogeográficos, tal como elucidado por Manoela Rodrigues (RODRIGUES, 2019; 2021). Durante esse processo de descobertas e aprendizado, compartilhei com a colega-artista Larissa Schip uma busca subjetiva e afetiva pelo encontro com a voz, reconhecendo que dificuldades vocais e/ou insegurança ao falar podem representar muito mais do que simples timidez ou dificuldade de articulação, mas para pessoas da comunidade LGBTQIA+, remetem a processos de silenciamento, repressão e apagamento. hooks tem nos ajudado a superar esses percalços e a erguer a voz como ato de resistência.

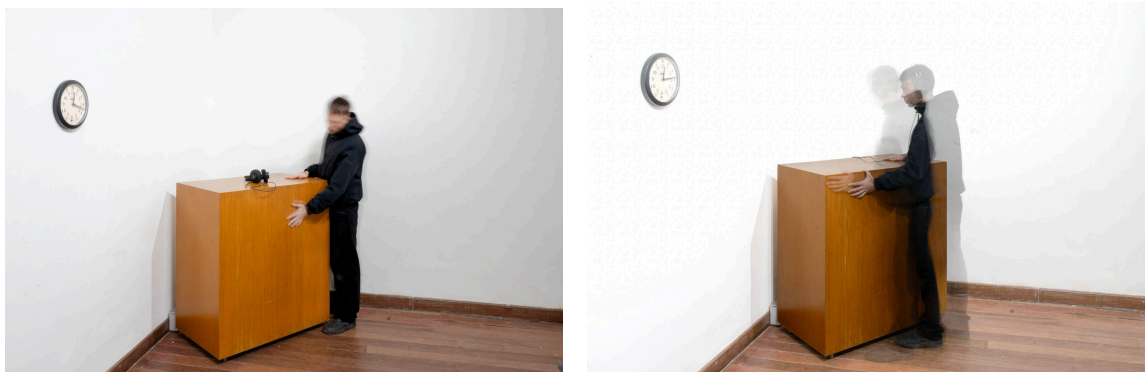
A criação seguiu um percurso colaborativo que incluiu orientações semanais, proposição do texto-obra, aquecimento vocal e físico baseado em técnicas teatrais, gravação e produção da escultura/objeto. A parceria artística com Luciano Mello, que possui amplo conhecimento em produção fonográfica e composição musical, foi decisiva para o sucesso do projeto, demonstrando como o diálogo entre diferentes áreas pode gerar novas possibilidades expressivas no campo expandido das Artes Visuais, conceito que remete à reflexão de Krauss (2008) sobre as práticas artísticas que transcendem as categorias tradicionais da escultura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra resultante possui múltiplas dimensões, cada uma desdobrando novas camadas de sentido que se revelam tanto no objeto/escultura quanto na experiência do público em sua relação com ele.

O plano **escultórico/objetual** se trata de uma peça em madeira a qual apresenta forma geométrica simples: altura e largura próximas às de um cubo,

mas com apenas metade de sua profundidade. Embora possam surgir interpretações, sua geometria minimalista não pretende representar nada para além do objeto em si. Sobre sua superfície, temos um fone de ouvido.



Imagens 02 e 03: Fotografias do artista experienciando a obra *Tum* (Patrick Tedesco e Luciano Mello, 2025), na exposição "Dobradiça" (Galeria A Sala). Destaque para a experiência tátil na imagem 02 e para a experiência imersiva com fones de ouvido na imagem 03. Registro do autor (autorretrato).

A caixa guarda dentro de si um segredo: seu **plano sonoro**. De tempos em tempos, ouvimos ressoar de seu interior as badaladas graves de um sino, com timbre e intensidade semelhantes aos que ecoam das igrejas em cidades do interior. Nesse momento, torna-se perceptível que a disposição da escultura, posicionada em diagonal na quina da parede, foi projetada para que o som se espalhe pelo espaço expositivo como uma onda que ressoa sobre a arquitetura. O toque esporádico do sino reproduz a experiência sensorial de viver em uma cidade onde os sinos da igreja se fazem presentes em todos os lugares, destacando a crítica e a simbologia que essa presença pode evocar, como por exemplo: a presença da invasão cristã e católica sobre as comunidades da região e a marcação do tempo como fator de controle e padronização de corpos.

Ao aproximar-se da escultura e colocar os fones de ouvido, temos acesso ao plano mais íntimo da obra, que é também o seu **plano narrativo**. De forma imersiva, os fones isolam o ouvinte dos demais sons da sala expositiva e o colocam em contato íntimo com a descrição do cenário e rotinas daquela cidade, onde é possível ouvir o som dos sinos em todos os lugares.

Ao refletir sobre a marcação do tempo através dos sinos da cidade, o texto diz assim: "Qual outro aparelho tecnológico poderia adentrar as janelas das crianças dormindo para lembrar que: o tempo está passando". E um pouco mais adiante: "Todos acordavam e trabalhavam juntos. rumo ao progresso: cortes de árvores sendo feitos. As terras dos povos originários sendo transformadas em terrenos baldios de vento em popa. transporte de madeiras nobres. tudo escoando via rio Uruguai."

Trata-se de um relato autobiogeográfico que equivale ao dar-se conta de que, para além da memória saudosa e bonita dos tempos de infância, a realidade que tornou possível a infância feliz era obscura e terrorista. Para efeitos de sua interpretação, daquilo que o autor quis dizer, já não precisamos lançar mão de recursos elaborados de compreensão sógnica ou poética – o texto não é ficção e a realidade é aquela mesma que se apresenta: ocupação de terras de povos

originários e devastação da natureza, tal como ocorreu na cidade a que o narrador se refere, mas também em tantas outras cidades do Brasil. A imersão nos joga para o abismo da catastrófica história brasileira.

Para além dos planos escultórico/objetual, sonoro e narrativo, a obra abre-se, ainda, para um **plano sensorial/relacional**. A experiência não se limita apenas à audição e à visão, pois a caixa vibra com o ressoar dos sinos. O efeito é percebido tanto ao apoiar a mão ou o corpo sobre a superfície material do objeto, como em onda que se propaga pelo ar, resultando em uma obra acessível a múltiplas percepções sensoriais.

4. CONCLUSÕES

Pelo fato de me considerar em fluxo de criação, gostaria não de concluir, mas de projetar como meu percurso artístico prosseguirá durante o doutorado. Esta era justamente a pergunta que a professora e curadora Neiva Bohns fez aos artistas na abertura da exposição *Dobradiça*: "- E agora, o que virá depois?" Tendo iniciado com *Tum* um novo capítulo demarcado por uma relação íntima com a voz, imagino que os caminhos seguirão para campos como *spoken word and poetry* e realização de obras ou performances que explorem de forma expandida e interdisciplinar as dimensões sensoriais, vocais e corporais. Mantereí sempre como plano de fundo a reflexão sobre o tempo e seu registro em diferentes perspectivas, agora não apenas como elogio, mas como crítica ao registro temporal enquanto poderosa forma de controle, dando continuidade à criação de novas obras que possam integrar minha *Suíte sobre o Tempo*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KRAUSS, Rosalind. **Caminhos da escultura moderna**. 2. tir. Tradução de Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KRAUSS, Rosalind. **A escultura no campo ampliado**. Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, v. 17, n. 17, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/52118>. Acesso em: 29 ago. 2025.

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais**. Porto Arte: Revista de Artes Visuais, Porto Alegre, v. 7, n. 13, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.27713>.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. **Atos autobiográficos e práticas decoloniais em artes visuais**. Palíndromo, Florianópolis, v. 11, n. 24, p. 152–161, 2019.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. **O espaço autobiogeográfico em construção**. Paralelo 31, v. 2, n. 17, p. 138, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/22533/14153>.